

O NARCISISTA, BRANCA DE NEVE, E O PODER EM NOSSA SOCIEDADE – UMA HIPÓTESE PSICANALÍTICA

Roosevelt M. S. Cassorla*

RESUMO

O autor levanta hipóteses sobre aspectos relacionados à busca do poder em nossa sociedade e sua interação com características narcísicas patológicas dos indivíduos.

A versão mais corrente do mito de Narciso (URTUBEY, 71-72) nos diz que o adivinho Tirésias havia predito aos pais de Narciso que ele viveria muito desde que não se olhasse. Quando jovem, Narciso despertou paixões em várias mulheres e ninfas, mas permaneceu sempre insensível. Enamorou-se dele, então, a ninfa Eco, que tinha sido condenada a não poder falar e somente podia repetir as últimas palavras ditas por outro – mas, Narciso também a rejeitou.

As mulheres e ninfas desprezadas pediram vingança a Nêmesis, a divindade que personificava a vingança divina e estava encarregada, ora de castigar o crime, ora de nivelar qualquer “desmedida” humana, como o excesso de felicidade ou de orgulho. Esta atendeu ao pedido e fez com que Narciso se aproximasse de uma fonte para beber água e visse sua imagem refletida. Narciso se apaixonou de si mesmo e então, insensível ao mundo, se inclinou sobre sua imagem e se deixou morrer, enquanto Eco o chamava sem resultado (e talvez Narciso confundisse a voz com um chamado de seu próprio reflexo). Até no Stix, o rio dos infernos, já morto, Narciso continuava agarrado a sua imagem. No lugar onde morreu cresceu a flor que leva seu nome, enquanto Eco, desesperada, retirou-se para viver nas grutas, transformou-se em pedra e não restou dela senão voz.

O termo narcisismo foi usado inicialmente por Havelock Ellis para designar uma perversão sexual em que o indivíduo acariciava e tomava seu próprio corpo como objeto sexual. FREUD (1914) aproveitou o termo que passou a constituir-se num elemento fundamental de sua teoria

* Depto. de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – PUCCAMP.
Depto. Psicologia Médica e Psiquiatria – UNICAMP.

da libido, levando a ricos desenvolvimentos posteriores e permitindo uma melhor compreensão das psicoses e dos transtornos de personalidade. Atualmente existem várias linhas de pesquisas em psicanálise girando em torno desse conceito básico, proporcionando cada vez mais o entendimento e o tratamento desses quadros (KOHUT, 1977; PRADO, 1978; ROSENFELD, 1971-72; ROSENFELD, 1978; URTUBEY, 1971-72).

Na verdade, Freud não acreditava que as psicoses (que ele chamava de neuroses narcísicas) fossem acessíveis à terapia psicanalítica, porque esses pacientes não teriam condições de efetuarem transferência. Nesse momento de sua teoria, ele já diferenciava a libido objetal, isto é, aquela que catexizava objetos externos da libido narcísica, ou a que se dirigia para próprio ego – (O conceito de objeto interno é posterior a Freud). Existiria um narcisismo primário, a partir do qual, “como pseudópodos” a libido se dirigiria aos objetos. Se se retraísse destes, voltando ao ego, teríamos um narcisismo secundário. Nas neuroses narcísicas o indivíduo retiraria sua libido objetal, reinvestindo seu ego. O resultado passa a ser um desligamento da realidade externa (às vezes até uma sensação de “fim de mundo”) e o “inchamento” do ego, levando a megalomania. Outras vezes, essa libido tenta de alguma forma reinstalar-se no mundo externo, levando a processos restitutivos patológicos como os delírios e alucinações. Sabemos, porém, que esses delírios e alucinações são o resultado de processos projetivos e correspondem a aspectos narcísicos do paciente.

Atualmente, conhecem-se melhor, quadros em que existe predominância de elementos e defesas narcísicas e que não se apresentam clinicamente como psicoses. São pessoas que, a despeito de sua dificuldade em efetuarem ligações emocionais com objetos externos e de sua megalomania e investimento em si mesmos, aparentam normalidade. Esses indivíduos, que podemos chamar de personalidades narcísicas, não raro, se salientam em nossa sociedade.

É sobre a interação entre as características das personalidades narcísicas e aspectos da sociedade atual, que me proponho a refletir neste trabalho. Os elementos que utilizarei para esta reflexão derivam de minha experiência clínica, de minha vivência em instituições e de minha percepção de aspectos da sociedade. A despeito de já vir pensando no assunto, o trabalho de LASCH (1980) me estimulou a colocar estas idéias no papel e me abriu os olhos para alguns pontos.

Alerto o leitor que minhas proposições serão hipotéticas e não tenho a pretensão de que não existam outras abordagens, sociológicas ou mesmo psicanalíticas, que talvez expliquem melhor os pontos a serem discutidos. Neste trabalho evitarei propositalmente pormenorizadas

descrições clínicas, que podem ser encontradas em vários outros autores (KOHUT, 1977; PRADO, 1978; ROSENFELD, 71-72; URTUBEY, 71-72).

O NARCISISMO NORMAL E O PATOLÓGICO

Existe um preconceito, entre os leigos, em relação ao termo narcisista. São assim chamadas as pessoas que gostam de aparecer, de salientar-se, falam só de si mesmas e querem ou pensam que o mundo gira em torno delas. Como veremos adiante, estas pessoas sofrem, na verdade, de um transtorno de sua libido narcísica.

De qualquer forma, essa visão, por vezes, faz com que nos esqueçamos que o narcisismo não só é normal, como indispensável para a própria sobrevivência. O problema é o narcisismo doentio, que impede ou dificulta a relação objetal.

O narcisismo é necessário porque ele está ligado à auto-estima. O "ama ao próximo como a ti mesmo" implica que só posso realmente amar a outro se eu me amo. Se eu não me amo e "amo" o outro, na verdade eu me submeto, ou, em outras palavras: se minha libido objetal se desenvolve exageradamente às custas de minha libido narcísica, terei uma relação caracterizada pela dominação do outro sobre mim, pela perda da minha individualidade. O outro passa a ser tudo e eu nada. Na verdade, na paixão isso ocorre em parte: a supervalorização do outro e certo grau de humildade no apaixonado. Mas, o comum é que o outro também corresponda, e sentir-se amado, elevará a auto-estima do apaixonado. É uma troca de amor. É trágico quando se ama (se catexiza alguém) e não se é amado — principalmente se a auto-estima é baixa. E, infelizmente, são justamente as pessoas com menor auto-estima (menos libido narcisista) que se apaixonam por figuras inacessíveis ou que não as amam, provavelmente porque o amante se desvaloriza tanto que não consegue inspirar amor a alguém que se auto-estima. Aliás, se o amante (que não se auto-estima) for amado, ele não acreditará e acabará por colocar tudo a perder. Ocorre como na anedota de um dos irmãos Marx que se recusou a entrar num clube porque este o aceitou como sócio. Se o aceitou é porque o clube não podia ser grande coisa...

Estes aspectos, de autodesvalorização e supervalorização do objeto, são comumente encontrados, em nossa sociedade, em moças adolescentes que tentam suicídio, tema que venho estudando. São jovens inseguras, extremamente vorazes que, também por autodesvalorização, se tornam possessivas e ciumentas, não acreditando que possam ser amadas. Sobre estas moças remeto o leitor a outros trabalhos (CASSORLA, 1980, 1983, 1984).

O indivíduo, portanto, idealmente, deveria ter certa quantidade de libido narcísica, que o tornasse capaz de auto-estimar-se em certo grau. Uma deficiência dessa libido levará a quadros similares aos descritos acima. Ou, o sujeito não dará atenção a si mesmo: por exemplo, não cuidará de si se ficar doente, não se poupará de desgastes desnecessários (e até mesmo necessários, conforme o caso) e viverá tanto cuidando dos demais que terminará se sacrificando, ou até se destruindo. Mas, muitas vezes, estes comportamentos são maneiras de o indivíduo poder estimar-se um pouco, obedecendo a exigências superegóicas rígidas, como veremos adiante. O oposto, o excesso de libido narcísica, em detrimento da objetal, levará o sujeito, tal como no mito, a um desligamento do mundo externo e à psicose, morte em vida, em que o mundo é o próprio ego. Narciso morreu ao debruçar-se sobre seu reflexo, mas poderia morrer de fome (pois não tinha sequer libido para procurar alimento, libido que tem que ser objetal) ou "derreter-se sob os raios do sol", como ocorre em outra versão do mito (URTUBEY, 1971-72), pois não tinha condições de perceber e defender-se dos estímulos externos.

No caso das personalidades narcísicas, em que ainda não se chegou à psicose, pode instalar-se uma megalomania e, com a penúria da libido objetal, constituírem-se relações objetais limitadas, sem afetos.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO NARCISISMO PATOLÓGICO

Neste trabalho, quero prender-me às características do indivíduo com perturbações narcísicas, não necessariamente psicóticas do ponto de vista fenomenológico e que, com freqüência, vive, aparentemente, adaptado à sociedade. Muitos sequer supõem ou admitem que suas características causem sofrimento a si e aos outros.

Uma primeira característica é a dificuldade de criar e manter laços emocionais com as outras pessoas. São indivíduos cuja capacidade de amar está restringida. Isso, associado a outros fatores, faz com que se tornem não raro insatisfeitos com o mundo, e o sintam como vazio, frustrante. São pessoas que vivem sem prazer e cuja vida, às vezes, lhes parece fútil e sem objetivo.

Por outro lado, necessitam muito da valorização a partir dos outros, mas, na verdade, os outros não interessam como pessoas, mas sim como reflexos (espelho) de suas qualidades. Sentem-se grandiosos, supercapazes, inteligentes e os melhores em suas áreas de atuação. Na verdade, são pessoas que têm um ideal de ego exacerbado e que, se por um lado se idealizam; por outro necessitam, a todo momento, de se verem refletidos no outro para poderem se auto-avaliar e essa auto-avaliação leva

a duas possibilidades: o “espelho” confirma que “não há ninguém mais belo do que eu”, como ocorre com a madrasta da Branca de Neve, (mas, que necessita à todo momento olhar-se no espelho, para tirar a dúvida); ou, a outra possibilidade, o “espelho” mostra que sim, que existe alguém “mais belo” que o narcísico. Neste caso, podem ocorrer também várias possibilidades: pode negar-se o que se vê no “espelho”, o indivíduo nega a realidade e continua sentindo-se e comportando-se megalomaniacamente, sem possibilidade de tomar consciência de suas limitações — isso o levará não só a não poder aprender da experiência, como à exposição a situações em que acabará por destruir-se, por não ser realmente capaz de lidar com elas. Assim como Narciso, apaixonado por si mesmo, terminará mal, pois a realidade externa é negada. Nesse momento o narcísico poderá estar psicótico, com delírio de grandeza manifesto, ou então viverá aparentemente normal, mas terá que explicar seu fracasso pela perseguição e inveja dos outros. O narcísico nunca poderá admitir suas falhas: os culpados sempre serão os outros.

É também o que ocorrerá se o “espelho” mostrar que ele não é o melhor e ele não puder negar as evidências: só pode ter ocorrido isso, em sua mente, porque alguém o está prejudicando, ou o outro está usando de influências ou falcaturas para superá-lo. Outra possibilidade está no indivíduo menos doente, será a depressão, a sensação de inferioridade, de ferida narcísica, que, às vezes, permite ao paciente procurar tratamento (o que é mais difícil nos outros casos).

Em casos mais graves o narcísico, não suportando que outro tenha mais sucesso, querará destruí-lo, assim como a madrasta tentará fazer com Branca de Neve. A inveja exacerbada é, portanto, uma característica importante destas personalidades. O ódio e a inveja poderão levar a perseguições, difamações, e o uso de armas desonestas para prejudicar o outro. E, comumente esse outro, ou outros, são apenas bodes expiatórios, de quem se sente inveja, mas que na realidade nada fizeram ao indivíduo, a não ser defrontá-lo com seu ideal de ego exigente e sádico.

Mas, mesmo que o “espelho” mostre suas qualidades, o narcísico nunca estará satisfeito. Sempre terá que olhar seu reflexo e comparar-se com os outros (e com seu ideal de ego). Sua vida será, portanto, uma tortura: ao mesmo tempo que se sente gratificado, “inchado”, por seus sucessos, estará sempre exigindo mais de si e inseguro e invejoso dos outros, que potencialmente são todos rivais.

A onipotência é uma conseqüência do quadro descrito acima. São indivíduos que acreditam que podem tudo e, realmente, em face de suas características de personalidade, sentem-se os donos do mundo, que deve girar a seus pés. Graças a sua megalomania, exigências e déficit de libido objetal, transformam as outras pessoas em coisas para seu benefício. A falta de capacidade de amar e o ódio os tornam indivíduos

manipuladores dos demais, que passam a servir a seus objetivos de autograndiosidade. Aqui gostaria de introduzir a relação entre as características desses indivíduos e da nossa sociedade.

NARCISISMO PATOLÓGICO E A SOCIEDADE ATUAL

É evidente que o narcisista descrito acima sofre. Sofre muito porque está sempre insatisfeito e perseguido por suas exigências. Sofre também porque o mundo lhe parece vazio e para combater esse vazio precisa estar sempre voltado para seu ego engrandecido. Mas, às vezes, a pessoa se cansa de tantas exigências e energia gasta em autopromoção que nunca a preenche. Estes casos terão melhor prognóstico e comumente procuram terapia.

Mas, outros narcísicos não têm consciência de seu sofrimento. Negam-no e como bons "auto-suficientes" têm pavor de depender dos outros, o que seria uma humilhação a seu ego grandioso. Estes não procuram terapia e causam muito sofrimento aos outros, pois que os outros foram coisificados.

Permitam-me descrever-lhes agora alguns aspectos da sociedade atual, como eu a vejo. O que mais chama a atenção é a desumanização. Não vou entrar em detalhes sobre suas causas, ligadas à revolução tecnológica, à competição, à procura de prazer, etc., e cujas raízes não me sinto em condições de discutir. Mas, é evidente como o indivíduo está sujeito, cada vez mais, a estruturas impessoais, a que não tem nem acesso nem compreensão e às quais deve submeter-se, num processo kafkiano. O modelo dessa estrutura é a burocracia (e a tecnocracia) e ele se reproduz nas relações humanas em geral, nas fábricas, nas escolas, nas famílias e, em nível mais amplo, nas relações governantes-governados.

São relações impessoais em que, comumente, como uma aspiração, a que a sociedade impele, procura-se o poder, o prestígio, o "status" social ou equivalentes. Para a consecução dessas "necessidades" espera-se e estimula-se, com freqüência, que as pessoas não se envolvam afetivamente, que sejam capazes de trair ou "pisar" seus semelhantes, de manipulá-los para seu próprio benefício. Premia-se o bom desempenho e a figura do "vencedor", isto é, aquele indivíduo que, não importa se por mérito ou por influências e falcatruas, alcança postos elevados. Atualmente existe uma tendência, inclusive, a se admirar a pessoa amoral, que tranqüila e cinicamente usa os demais, muda as regras do jogo quando interessa e vence qualquer obstáculo para atingir seu objetivo. Creio que a admiração decorre, em parte, da impossibilidade que a maioria das pessoas têm de usar esses métodos e o indivíduo fascina os outros como se fica fascinado frente a um incêndio ou a um leão devorando a presa. É claro que, junto com a admiração, existe revolta e raiva, mas quanto mais o sujeito

continua sua escalada, indiferente à reprovação dos demais, maior é a fascinação por sua obstinação e frieza.

Em nossa sociedade, portanto, tende a valorizar-se cada vez mais o narcisismo patológico. As pessoas devem aparecer, salientar-se, serem conhecidas, citadas, se possível também nos jornais e na TV. Isso alimenta ainda mais o narcisista. (Os colunistas sociais vivem disso). Por outro lado, as pessoas que trabalham e produzem em silêncio não são reconhecidas. Isso leva às vezes, numa inversão, a que indivíduos mais sérios cheguem a esconder-se do público (num narcisismo ao contrário), temendo ser confundidos com outros de popularidade fácil.

Numa sociedade assim estruturada, o narcisista patológico comumente tem sucesso. Galgará altos cargos, "pisando" nos outros e usando de corrupção. Uma vez alçado a esses cargos continuará querendo mais, não importando realmente sua função e seus semelhantes, mas como poderá beneficiar-se deles para subir mais. Evidentemente terá que perseguir os rivais e, com facilidade, será obrigado a tornar-se um miniditador ou um ditador maior, onipotente, que reprimirá, violentamente, quem possa invejar, não importando se há ou não motivos para tal. Infelizmente, essas pessoas invejam, principalmente, a felicidade, a capacidade de amar, que os outros têm e que a eles lhes falta. Portanto, como ocorre no romance 1984, de George Orwell (o ano em que estamos !), proíbe-se o amor e prega-se a manipulação, o ódio e a morte.

Felizmente, o amor não pode ser extinto, nem a vida. Ela persiste na sociedade e esta tem que estar alerta para os germes de sua destruição. O narcisista também sofre (mesmo que ele não o perceba) e nossa ajuda, às vezes muito difícil, poderá torná-lo capaz de amar e se sentir mais feliz.

Gostaria, ainda, de deixar claro, que as características de personalidade, descritas acima, nem sempre se encontram de forma tão pura — enfatizei aqui os aspectos que me pareceram mais importantes, em face dos meus objetivos. Com frequência, portanto, existem também outros mecanismos mentais que, ora complicam o quadro, ora protegem melhor o indivíduo não só da psicose como de outras manifestações mentais. Comumente, o paciente procura a terapia por outras motivações e o terapeuta se defronta com uma estrutura narcísica patológica subjacente, que agora, felizmente, poderá ser conhecida e talvez desfeita.

Apenas mais um ponto, para concluir: é evidente que muitas pessoas conseguem prestígio e poder, em nossa sociedade, às custas de seus méritos e por meios dignos. E, estas pessoas, na verdade, acabam por ser muito mais respeitadas e admiradas, o que pode causar também mais inveja. O que lamento, no entanto, é que essas pessoas dignas, justamente por isso, nem sempre conseguem defender-se quando os meios usados por

seus adversários são escusos. Creio que este é um desafio de nossa sociedade, que deve descobrir como proteger-se de sua autodestruição, preservando a liberdade e o respeito de seus membros.

ABSTRACT

The author hypothesizes about the relations between aspects of the search of authority in our society and the characteristics of pathological narcissism.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASSORLA, R. M. S. — Contribuição ao estudo de comportamentos suicidas em crianças e jovens in ABENEPI (ed) — **A criança e o adolescente brasileiro da década de 80**, Porto Alegre, Artes Médicas, 1980.
- CASSORLA, R. M. S. — Uma provável história natural da tentativa de suicídio em jovens in Knobel, M. & Saidemberg S. (org.) — **Psiquiatria e Saúde Mental**, S. Paulo, Ed. Autores Assoc., 1983.
- CASSORLA, R. M. S. — **O que é suicídio?**, S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.
- FREUD, S. — Introdução ao narcisismo (1914), in **Obras Completas**, Imago Editora, vol. XIV.
- KOHUT, H. — **Análisis del self — el tratamiento psicoanalítico de los trastornos narcisistas de la personalidad**, B. Aires, Amorrortu ed., 1977.
- LASCH, C. — The culture of narcissism, **Bull Menn. Clin.** 44: 426 — 440, 1980.
- PRADO, M. P. de Almeida — **Narcisismo e estados de entranhamento** (editado pelo autor), Rio de Janeiro, 1978.
- ROSENFELD, H. — Da psicopatologia do narcisismo: uma aproximação clínica in **Os estados psicóticos**, SP — Zahar, 1978.
- ROSENFELD, H. — Aproximación clínica a la teoría psicoanalítica de los instintos de vida y muerte: una investigación de los aspectos agresivos del narcisismo. **Rev. Urug. Psicoanal**, 13: 227 — 245, 1971-72.
- URTUBEY, L. — Sobre el narcisismo y una de sus formas de expresion: el autismo transferencial "frente el espejo". **Rev. Urug. Psicoanal.**, 13: 149 — 86, 1971-72.